

Compartilhando soluções

P2

LEE IACOCCA

Há algumas semanas cerca de 150 chairmen participaram de uma reunião em San Francisco para verificar as principais contribuições das empresas na melhoria do nível educacional norte-americano. Mas ficamos frustrados e acabamos nos perguntando se os nossos esforços servem para alguma coisa.

A Conference Board organizou a reunião como parte das comemorações do seu 75º aniversário. Prêmios foram dados a 27 empresas como sinal de reconhecimento dos seus excelentes programas educacionais. Ouvimos descrições impressionantes desses 27 programas. O empresário americano está se movimentando para enfrentar a crise educacional deste país — com dinheiro, tempo, envolvimento e liderança. Mas, sinceramente, ninguém desconfiaria disso examinando os mais recentes dados sobre o desempenho do estudante norte-americano. Nunca foram tão baixos.

Para um grupo de homens e mulheres de negócios, acostumados a medir o valor de programas pelos resultados e não pelas suas intenções, isso é descorajador. Em San Francisco, diversas vezes levantamos essa questão: será que estamos só enganando a nós mesmos? É preciso dizer que a responsabilidade pela educação nos EUA não cabe prioritariamente ao setor empresarial. Cabe, primeiro, aos pais. Depois às escolas, às comunidades, ao governo. As empresas estão lá no fim dessa lista.

Na verdade, é justo perguntar se os empresários têm obrigação de fazer algo em relação ao problema. Afinal de contas, pagamos quase um terço de todos os impostos no país. E fornecemos empregos para os formados, apesar de, às vezes, nos vermos obrigados a oferecer cursos adicionais de leitura e de matemática aos egressos das escolas. Mas as empresas estão se mostrando mais ativas do que em qualquer outro momento. Coletivamen-



27 OUT 1991

ESTADO DE SÃO PAULO

te, estão gastando cerca de US\$ 2,4 bilhões por ano com programas educacionais. Em outros tempos, as empresas limitavam-se a preencher um cheque, mas hoje preferem se envolver ativamente.

E, como quase todos nos orientamos principalmente pelos resultados, procuramos verificar as produções dos programas que patrocinamos e concluímos que estamos conseguindo fazer algo de bom. Foi disso que tratou a reunião em San Francisco. Compartilhamos o que estamos fazendo e apresentamos alguns dos resultados. Depois, trocamos muitas tapinhas nas costas.

No entanto, no final da tarde estávamos nos perguntando se o setor empresarial deve ou não continuar com o seu papel ativo no setor educacional. Sentimos como os bons professores devem se sentir quando fazem de tudo para dar boas aulas e os resultados dos exames continuam baixos. Depois de um tempo, você começa a se perguntar se vale a pena o esforço.

Bem, em primeiro lugar: vale a pena, sim. Motivo: o empresário não se pode dar ao luxo do não-envolvimento. O problema é grande demais e as consequências são importantes demais para que as empresas não se envolvam.

Mas depois alguém formulou a questão mais importante do dia: "Como se explica a ausência de educadores nesta reunião?" Constatou-se então que os superintendentes de escolas da Califórnia foram convidados, mas não puderam encavar a reunião em suas agendas. Estavámos falando para nós mesmos. É possível que o problema esteja aí. Consertar as nossas escolas pode não ser uma tarefa dos empresários, mas não é uma tarefa exclusiva dos professores ou de qualquer grupo isolado.

É possível que estivéssemos conversando apenas entre nós lá em San Francisco. Mas tenho a sensação de que, se todos os demais grupos também passam muito tempo falando sozinhos, talvez tenha chegado o momento mais propício para os diversos grupos começarem a se reunir e a se comunicar.

□ Lee Iacocca, empresário, é presidente da Chrysler.